

A IMPRENSA E A CONSTRUÇÃO DO ANTICOMUNISMO CATÓLICO: BRASIL E ARGENTINA NOS GOLPES MILITARES DA DÉCADA DE 60

Ianko Bett¹

Resumo: Os contextos anteriores aos golpes militares de 1964 no Brasil e 1966 na Argentina foram marcados por uma intensa campanha anticomunista que se manifestou nos diversos setores das respectivas sociedades. As grandes imprensas de Porto Alegre e Buenos Aires se tornaram um espaço de divulgação das mais variadas formas de anticomunismos, dos quais, o de matriz católica teve uma ampla recorrência. O artigo pretende, em seu escopo mais amplo, colocar em evidência o papel das editorias dos jornais e as suas contribuições nas formas que foram dadas para o anticomunismo católico. O objetivo é analisar a forma como os textos foram publicados, ou seja, a localização nas páginas, as matérias que os cercam, se acompanhados por imagens, a intensidade com que foram divulgados em cada espaço e em cada jornal pesquisado, como também pretende-se analisar o modo como a editoria dos jornais contribuiu para a construção e para maior efetividade da propaganda anticomunista católica no contexto supracitado.

Palavras-chave: Imprensa. Construção. Anticomunismo católico. Golpes militares.

1 Doutorando PPGH PUCRS sob orientação do Prof. Dr Helder Gordim da Silveira. Bolsista Capes.

1 AS EDITORIAS JORNALÍSTICAS E O ANTICOMUNISMO CATÓLICO²

Para que se possa entender efetivamente o papel das editorias dos jornais na difusão do anticomunismo católico³ é necessário que se leve em conta, em primeiro lugar, um aspecto que perpassou por todas as matérias ou textos jornalísticos que enfatizaram a temática mencionada, ou seja, a própria seleção ou a própria escolha, por parte dos jornais, daquilo que deveria ser publicado. É necessário, deste modo, chamar atenção para um aspecto metodológico imanente às análises sobre a imprensa que consiste em desnaturalizar a implementação das reportagens de um modo geral, mas, especificamente, aquelas que versaram sobre a oposição do catolicismo ao comunismo, tendo em vista a especificidade desse tipo de matéria.

A pesquisa realizada nos jornais porto-alegrenses Correio do Povo (CP) e Diário de Notícias (DN) e nos portenhos La Nación (LN), Clarin (CL) e La Razón (LR), no contexto já mencionado, demonstrou uma grande presença de textos e notícias anticomunistas de matriz católica o que, de certa forma, corrobora com a afirmativa que a temática era muito bem-vinda pelos “senhores” da imprensa. Neste sentido, defende-se a ideia de que as publicações não podem ser vistas apenas como “aquilo que deveria ser publicado por ser notícia”, simplesmente, mas sim elas podem ser um indicativo para que se possa pensar justamente na “intencionalidade” (grifos meus) com que se propunham os editoriais na seleção e publicação de textos anticomunistas católicos.

Chama atenção o grande número desses textos escolhidos para serem matérias de capa dos jornais, fato que por si só remete a pensar na importância que foi dada à temática. De outra parte, nos textos selecionados percebeu-se que, mesmo um comentário que tratasse de outros assuntos que não fosse o anticomunismo, nos

2 As reflexões deste artigo fazem parte da Dissertação de Mestrado defendida no PPGH da Unisinos, em 2010. Ver BETT, 2010.

3 O conceito de anticomunismo abordado pela historiografia (MOTTA, 2002; RODEGHERO, 2003) foi ancorado predominantemente na perspectiva de Bonet (2000) que colocou a possibilidade de visualizá-lo enquanto um conjunto de ideias, de representações (CHARTIER, 1998; 2002) e de práticas de oposição sistemática ao comunismo. Para além disso, o anticomunismo tratava de um “conjunto das atividades realizadas por grupos diversos, que constroem e se guiam por um conjunto de representações que tem sido chamado de imaginário anticomunista.” (RODEGHERO, 2002, p. 464). Entretanto, neste artigo, serão agregados outros elementos complementares a esta definição. A pesquisa empreendida no Mestrado (BETT, 2010) possibilitou perceber que *anticomunismo* não trata apenas de uma oposição sistemática ao *comunismo* - neste formato pronto, estabelecido, congelado e total - mas o procedimento necessário consistiu em visualizá-lo nas constantes redefinições, fabricações e reinvenções. Em uma palavra, e considerando os aportes teóricos das perspectivas de Baczko (1985) e Foucault (1971; 1972), o comunismo foi inventado e reinventado pelos discursos dos católicos (aqui, especificamente, com ampla contribuição da imprensa) que percebiam (ou acreditavam perceber), no contexto político e social percorrido pela pesquisa, a sua “periculosidade” e necessitavam mobilizar a sociedade para enfrentar a sua “propagação”.

textos introdutórios das notícias, aqueles utilizados como um tipo de “chamamento ao leitor”, a temática por diversas vezes foi colocada em destaque. Para ilustrar esta questão, separou-se um exemplo da imprensa argentina:

Título da manchete: “CAGGIANO Exortó a trabajar por el bienestar público y la Grandeza nacional”

Texto introdutório: “Adivrtió que el deber de convivencia cristiana no debe contribuir a la penetración de las ideologías Marxistas”(CL, 28 mar 64, p. 1)

As alocações semanais do arcebispo metropolitano de Porto Alegre, D. Vicente Scherer⁴, também podem ser elencadas para se pensar o papel da imprensa na difusão do anticomunismo católico. O fato de algumas vezes o anúncio das alocações estarem na primeira página deve ser ressaltado, e, pode indicar, além da considerada importância que estas recebiam por parte dos jornais, a própria respeitabilidade com que estas poderiam ser consideradas no âmbito dos leitores. Um aspecto que chama atenção, neste sentido, é que as alocações em geral não necessariamente tratavam de temas políticos, contudo aquelas selecionadas para compor a primeira página dos jornais, como anúncio de chamadas ao leitor, a pauta anticomunista era presente, conforme a publicação do DN em dia 28 de novembro de 1961: “Inaceitável a Colaboração Entre os Comunistas e Promotores de Reformas”. Este foi o título de uma das manchetes da capa do DN, a qual anunciava o assunto a ser tratado por D. Vicente Scherer na sua alocação semanal. O editorial do DN assim fez a “chamada” da notícia: “O Arcebispo D. Vicente Scherer, falando, ontem, pela voz do Pastor sôbre a intentona comunista de 35, declarou ‘ser inaceitável a colaboração entre os adeptos do comunismo e os promotores de reformas sociais’” (DN, 28 set. 61, p. 4). De outra parte, é preciso deixar posto que as alocações ocuparam quase sempre as mesmas páginas tanto no DN quanto no CP, apresentando uma constância, o que não impediu que a mesma alocação tenha sido intitulada de forma diferente nos dois jornais de Porto Alegre. Este aspecto também é um indicativo da atuação direta dos editoriais na forma com que se propunham publicar os textos dos católicos em geral.

Outra consideração que deve ser mencionada refere-se ao formato com que, muitas vezes, as publicações das manifestações anticomunistas católicas eram publicadas. Um exemplo significativo para esta questão foi a reportagem que deu a informar sobre a denominada “frente única”, em apoio ao arcebispo D. Vicente Scherer, sobre as suas denúncias de infiltração comunista no governo do Estado do Rio Grande do Sul⁵:

4 Trata-se da coluna denominada “Alocações Semanais do Arcebispo Metropolitano D. Vicente Scherer”, publicada nos jornais de Porto Alegre a partir de junho de 1961. Essas alocações eram transmitidas todas as segundas-feiras pelo programa radiofônico chamado “A Voz do Pastor” e transcritas, no dia seguinte, nos jornais porto-alegrenses. (BETT, 2010).

5 No dia 7 de outubro de 1961, os jornais porto-alegrenses deram a conhecer o início de um amplo debate que girou em torno de denúncias de D. Vicente, as quais colocaram a público “o apoio que homens do Govêrno do Estado estariam dando a elementos comunistas”. (BETT, 2011).

Uma frente única, de solidariedade ao Arcebispo Dom Vicente Scherer, por ter denunciado a infiltração comunista no govêrno do Estado, foi formada ontem, com a elaboração de um documento que hoje será entregue àquele alto dignitário da Igreja Católica (DN, 7 nov. 61, p. 1).

Esta notícia foi colocada no centro da capa do DN, que contrasta com a pequena notícia publicada alguns dias antes, no canto inferior direito da página, que se reportava sobre a possível conciliação entre o arcebispo e governador “Conciliados o arcebispo e o governador” (DN, 31 out 91, p. 1). A escolha determinada pela editoria do DN estabelece um aspecto que deve ser considerado: trazer elementos que davam margem para a credibilidade da denúncia do arcebispo teve mais importância do que, fundamentalmente, a conciliação dos dois envolvidos diretamente na polêmica.

A exposição do debate travado acerca da denúncia do arcebispo pode ser importante para destacar a forma como era encarado o “perigo comunista”, neste caso, em relação ao governo Estadual. Ou seja, deve-se, antes de perguntar se foram verídicas ou não, se tinham fundamento, ou não, as declarações do arcebispo, o que também deve ser levado em conta, é exatamente o prestígio, a consideração que foi dada, a importância que a voz de um religioso, no caso na figura de D. Vicente Scherer, por ocasião de assuntos que transcendem as questões puramente religiosas, se integrando no debate político. Este aspecto congrega o conjunto de elementos que ajudam a confirmar que a voz de um católico no que tange ao “problema comunista”, além de ser considerada legítima, ainda acabou sendo uma das principais utilizadas pela imprensa na seleção que realizava para publicações em relação ao anticomunismo.

Da mesma forma, na imprensa argentina, deve-se questionar a importância com que os “sermões” do arcebispo D. Antônio Caggiano⁶ repercutiam na sociedade de modo que as suas palavras eram transcritas nos jornais de Buenos Aires, por diversas vezes, integralmente. Uma das perguntas específicas neste aspecto refere-se ao “como” de esses discursos estarem nas páginas dos jornais. Quer dizer, aponta-se para a hipótese de se pensar que os discursos de Caggiano, por ocasião das suas missas na Catedral (a maior parte dos seus discursos em que se pode evidenciar a manifestação anticomunista se deu em sermões proferidos na Catedral da cidade de Buenos Aires), seguiam algum tipo de tramitação que os permitiam ser divulgados nas páginas jornalísticas. Não se pode supor, neste sentido, que a divulgação seja baseada em anotações de jornalistas que teriam assistido às missas, pelo simples motivo de que os textos são reproduzidos na íntegra, discursos extensos, em que algumas partes indicam, inclusive, as fontes de

6 Caggiano foi arcebispo da Argentina no período de 1959 a 1975, sendo uma figura de intensa participação nas jornadas políticas da argentina neste interregno. Além disso, cabe destacar que acumulou com as suas atividades de Arcebispo Primado, a função de Vigário Geral das Forças Armadas argentinas, o que demonstra, de certo modo, seu grande poder de influência também no meio militar. Segundo Verbitsky (2008, p. 53), a Ação Católica e as capelanias militares, ambas idealizadas por Caggiano, foram “los dos pilares que sostuvieron el proyecto de recatolizar la sociedad argentina y de intervenir en sus decisiones políticas”.

algumas citações, motivo esse que também pode eliminar a hipótese de que as falas do Cardeal teriam sido captadas por gravadores e depois sofreriam algum tipo de edição. Frente a essas considerações, é necessário problematizar o processo que permitia os discursos do Cardeal serem publicados nos jornais. O propósito não é penetrar no mundo jornalístico da época e decifrar o seu funcionamento, mas sim salientar a importância que um texto pronunciado pelo Cardeal do país tinha naquele contexto, a ponto de movimentar toda uma estrutura jornalística (e aqui não se sabe exatamente qual a profundidade disso) em função da sua publicação. Pode-se aludir diretamente, como foi visto, sobre a própria “vontade” em publicar, o efeito que se esperava desta publicação, mas também, pode-se aludir a forma como este aspecto pode indicar o funcionamento das relações entre grupos e instituições, neste caso, entre o catolicismo (por meio de um representante da Igreja e das Forças Armadas) com a imprensa escrita.

2 O USO DE IMAGENS E A DIAGRAMAÇÃO DAS NOTÍCIAS ANTICOMUNISTAS

As imagens que acompanhavam as manifestações anticomunistas dos católicos, é preciso destacar, não adquiriram considerável número se comparado com a quantidade dos textos. No entanto, por vezes, esse foi um aspecto possível de ser identificado. Tanto nos jornais porto-alegrenses quanto nos jornais portenhos, as imagens de religiosos acompanhando seus respectivos discursos puderam repercutir diretamente na ação e intenção destes, os quais, propunham com essa prática, entre outros aspectos, conferir ao que estava sendo dito certo grau de veracidade e legitimidade.

Dentre os exemplos que podem ser levantados neste sentido, cabe destacar a matéria de capa do DN do dia 24 de novembro de 1961, que trouxe uma entrevista com o arcebispo D. Vicente Scherer. O assunto tratado na entrevista versou sobre o possível reatamento das relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética e dava a ler a contrariedade do arcebispo acerca da questão em pauta. Esta entrevista veio acompanhada de uma foto de corpo inteiro do arcebispo, com este na posição característica de um clérigo que reza uma missa. Cabe ressaltar, ainda, que esta temática foi o principal assunto dos jornais daquele dia. Tanto que, além da matéria de capa, ainda no espaço destinado às notícias, o DN trazia ampla reportagem sobre as repercussões que o referido reatamento teria proporcionado nos mais diversos setores da política brasileira.

As divulgações da “Cruzada do Rosário”, na imprensa de Porto Alegre, foram outras oportunidades possíveis de constatar uma ampla utilização de imagens juntamente com os textos. A “Cruzada do Rosário pela Família” era liderada pelo padre Patrick Payton e consistia em eventos realizados por todo o Brasil, especialmente no interregno de 1962 a 1964, os quais receberam amplo apoio do catolicismo nacional e de grupos conservadores em geral. A historiografia mostra que a realização das cruzadas no Brasil pode ser considerada como uma espécie de ensaio para a mobilização anticomunista que iria irromper meses depois, na organização das “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, realizadas

no contexto da deposição de João Goulart (DOCKHORN, 2002). Nos cartazes sobre a referida cruzada, publicados nos jornais, grosso modo, a mensagem ficou disposta da seguinte maneira: o título “CRUZADA DO ROSÁRIO EM FAMÍLIA”, logo abaixo uma foto que representa uma família em ato de oração (pai, mãe e a filha) com os seguintes dizeres: A FAMÍLIA QUE REZA UNIDA PERMANECE UNIDA. Mais embaixo, a foto do padre Payton, em atitude de bênção, sendo seguido pela multidão. Abaixo da foto, os dizeres “GRANDE CONCENTRAÇÃO” são destacados. Abaixo deste, as seguintes informações: “dia 15 de dezembro, domingo, as 16 h, no largo da prefeitura falará padre Payton”. E, por fim a mensagem de apelo aos fiéis: “una-se sua família e juntos compareçam a esse magnífico movimento de defesa da paz e da fé cristã” (DN, 15 dez 1963, p. 31).

Com relação à diagramação dos textos anticomunistas católicos, é possível observar que, principalmente, mas não só, aqueles que foram publicados nas páginas dos noticiários, uma grande parte acabou fazendo fronteira com outras notícias de cunho anticomunista. Considera-se a importância deste aspecto na medida em que a escolha dos locais de publicação não era aleatória, pois dependia, entre outros fatores, da relevância do tema e também da proximidade das temáticas das outras matérias, de maneira que entre uma e outra pudesse ser estabelecida uma interferência mútua que incidisse na legitimidade do conteúdo da informação. Considera-se, por exemplo, que não consiste em mera causalidade o fato da notícia que trazia um comentário do Papa João XXIII acerca dos “problemas dos católicos na zona Russa” estar fazendo fronteira com outra notícia que informava acerca da excomunhão de Fidel Castro pela Igreja Católica (DN, 4 jan. 62, p. 14). Ambas as notícias foram complementares, uma vez que as duas enfatizaram a oposição do catolicismo com relação ao comunismo e os aspectos que dele podem ser relacionados.

Outro exemplo que pode ser separado neste aspecto refere-se ao extenso discurso em que o cardeal Caggiano expressou uma “defesa” das ideias cristãs em relação às ideias marxistas, sendo a fala do religioso procedida de uma matéria que deu conta de informar acerca de “desorden de proporções”, na província de Santa Fé, na qual, estariam envolvidos “exaltados comunistas” (CL, 28 mar. 64, p. 9). Quer dizer, é preciso levar em conta a intencionalidade dos editores em aproximar esses textos, como também é preciso problematizar o quanto esta aproximação poderia repercutir no leitor, que, após ter lido a palavra de um representante de Deus na terra, ter se deparado com eventos negativos provocados pelos que a este declararam sua oposição.

Também neste aspecto, o exemplo da “polêmica” envolvendo a Igreja Católica da Argentina frente ao governo de Córdoba, em 1964, o qual havia proibido o ensino religioso naquela província, foi possível observar a intencionalidade na diagramação da imprensa em contribuir, de certa forma, com as reivindicações dos católicos, utilizando para isso a publicação de notícias anticomunistas. Cabe destacar que um dos argumentos católicos transmitidos nos jornais, referente à proibição mencionada, transitou pela questão da difusão do laicismo, o qual seria um dos fatores responsáveis pela infiltração de ideologias materialistas, sendo a principal

delas o marxismo e, por conseguinte a infiltração comunista: “el monopolio de los spiritus es un de los rasgos más característicos del estado totalitário” (CL, 2 abr. 64, p. 22). No dia 5 de abril de 1964, dando continuidade à divulgação da polêmica, o CL publicou uma notícia que teve como introdução as seguintes expressões de autoria do monsenhor R. J. Castellano, arcebispo daquela localidade: “palpita un vigoroso espíritu religioso, que hace de balanza a esta nueva tendencia laicista y materialista, que tanto mal produce en esta terra”, sendo que, nesta mesma página, outra notícia informou sobre “la detención de personas de conocida actuación extremista y del secuestro de abundante material de propaganda castro-comunista que tenían en su poder” (CL, 5 abr. 64, p. 31).

A partir dos exemplos elencados, é possível visualizar uma questão que, de certo modo, transcende ao anticomunismo católico simplesmente, uma vez que é preciso questionar o papel da imprensa e a sua responsabilidade em determinar o formato de como se organizariam as notícias que, em última análise, versavam sobre coisas interligadas, senão direta, mas indiretamente. No último exemplo foi possível observar que a questão essencial das notícias, o fator que as interligavam, recaiu sobre questões ligadas ao comunismo, questões ligadas à infiltração comunista na Argentina. É preciso supor, neste sentido, o quanto não ganhou em representatividade o problema da liberdade de ensino, ou exatamente, o problema da difusão do “laicismo materialista nas escolas”, quando é “provada” uma apreensão de sujeitos portando materiais subversivos, que são diretamente relacionados com a prática “laicista” e “materialista”⁷.

3 A INTERFERÊNCIA DA IMPRENSA NOS TEXTOS ANTICOMUNISTAS

Cabe destacar outra tarefa das editoriais perceptível em alguns dos textos elencados, qual seja a de fazer interferências nas narrativas, as quais repercutiram diretamente na contribuição da tentativa de imposição de sentido que o texto propunha, muitas vezes reforçando tal imposição como, em muitas vezes, sendo a própria imposição. A respeito deste aspecto, serão destacados alguns exemplos que podem ser esclarecedores.

No dia 4 de janeiro de 1962, a reportagem que trouxe o discurso do Papa João XXIII sobre “os problemas dos católicos na zona russa”, teve início da seguinte maneira: “O Papa João XXIII disse que o comunismo fracassara em seu esforço para destruir a fé religiosa na Alemanha Oriental”. Já, no decorrer do texto, foi publicada a seguinte passagem: “Na transmissão se indicou claramente que o Papa se referia ao comunismo quando fez alusão ao ateísmo e a outras ideologias equivocadas” (DN, 4 jan. 62, p. 14). Sutil, mas decisivo deslocamento. Na primeira passagem, o Papa “disse”, já na segunda, o Papa “indicou”. Cabe ressaltar, que, pelo

7 Para Rodeghero (2003, p. 77), as opiniões expostas sobre a educação laica reforçavam a ideia de que o comunismo se aproveitaria dos espaços abertos pelo laicismo.

menos nesta reportagem do DN, em nenhum momento a palavra “comunismo” aparece como sendo citação de autoria de João XXIII.

Este tipo de deslocamento também foi encontrado em textos da imprensa de Buenos Aires. No dia 30 de setembro de 1963, por exemplo, o CL publicou algumas partes do discurso do Papa Paulo VI por ocasião da retomada das atividades conciliares (Concílio Vaticano II, realizado entre 1962 a 1965). A editoria do jornal separou, dentre algumas passagens, a que se ocupou dos problemas da repressão religiosa em alguns países: “A los católicos oprimidos por régimen políticos, **en aparente referencia a los dominados por los comunistas** (grifo meu), les dijo que estaba con ellos, y pidió a los gobernantes abandonar la hostilidad contra la religión” (CL, 30 set. 63, p. 2). A questão da antirreligiosidade dos países comunistas foi um grande argumento utilizado pelos católicos para demonstrar sua oposição ao comunismo. Contudo, nesta manifestação, especificamente, fica claro que a ligação entre perseguição religiosa e comunismo foi produzida pela editoração da imprensa.

Nesse sentido, essas primeiras abordagens permitem duas considerações. 1) Não se está questionando, e nem esse é o objetivo, o grau de veracidade do conteúdo que ambas as notícias publicaram. Ou seja, talvez seja preciso concordar que o Papa João XXIII realmente estaria se referindo ao comunismo quando disse: “o ateísmo e outras ideologias foram lançadas num esforço para que o homem elimine do seu coração a piedade e a religião”, como também, da mesma maneira, Papa Paulo VI no caso da hostilidade contra a religião. 2) Por outro lado, mas a partir do levantamento destas primeiras questões, é possível perceber que a ressignificação do comunismo, as inúmeras expressões com que ele foi constantemente relacionado, indicam uma maleabilidade das formas como foi difundido e que pode ter sido, de acordo com contextos específicos e situações diversas, reapropriado, e utilizado por outros sujeitos e outras instituições, como a própria imprensa, conforme demonstrado no exemplo.

Na reportagem analisada anteriormente, no caso de Porto Alegre, é possível perceber outra articulação intencional provocada pela editoria do DN: “o Papa atacou em sua carta medidas comunistas como o matrimônio civil e a eliminação do dia de descanso para os trabalhadores” (DN, 4 jan. 62, p. 14). Neste trecho também é possível evidenciar uma completa ausência das palavras de João XXIII fazendo comprovação ao que a notícia dava a informar. Esta ligação entre matrimônio civil e eliminação do dia de descanso, como uma prática essencialmente comunista, foi obra do jornal. Também aqui, o objetivo não é refutar tal associação. Não é a verdade em si que está sendo levada em conta, mas necessariamente, tanto para o exemplo recente, quanto para o exemplo anterior, estas associações foram possíveis, emitiam um saber, tinham legitimidade e significado. O comunismo foi ressignificado pelo editor da reportagem ao estar presente como referência às críticas do catolicismo.

O próximo exemplo elencado para encorpar o argumento da participação efetiva dos jornais nos discursos anticomunistas católicos é uma matéria publicada no CP, no dia 24 de dezembro de 1963, data que por si só (véspera de Natal) já define o peso da voz católica. A manchete de capa continha o seguinte título:

“Mais de 350 mil berlinenses já tiraram passe para visitar parentes pelo natal no setor comunista”. Já a frase que abre a reportagem (também publicada na capa) é a seguinte: “O fogo de metralhadora dos comunistas rompeu hoje a paz de Natal na muralha de Berlim, enquanto milhares de berlinenses se preparavam entusiasmados para a maior reunião em mais de dois anos”. Pode-se observar uma mudança “repentina” entre aquilo que o título indicava e a frase de abertura. Quer dizer, aquilo que deveria ser “comemorado”, conforme era a indicação do título, tornou-se um segundo plano quando o assunto era comunismo.

É possível perceber também, nesta mesma matéria, o grau de dramaticidade imposta na narrativa: “Houve gente que ouviu este cidadão em sua luta desesperada para abrir a passagem entre as cercas de arame farpado erigidas na parte meridional da cidade”. Não menos perceptível foi o modo como o texto se encarregou de depreciar a forma de vida que levavam os berlinenses orientais: “deu-se uma grande corrida nas casas de comércio de Berlim Ocidental para a compra de café, manteiga e frutas, êstes são os produtos que mais são levados como presentes para o outro lado” (CP, 24 dez 63, p. 1). Quer dizer, além de prestar a atenção na forma como as mensagens são repassadas ao leitor, é preciso levar em conta, também, a forma como de algum modo ou de outro, o leitor é conduzido a acreditar na “crueldade” dos atos praticados por comunistas. Grosso modo, essa é a tônica dos textos que transmitiam os pronunciamentos dos Pontífices sobre os problemas dos católicos com relação à perseguição religiosa. Ou seja, os editores se encarregaram de enfatizar, por meio de narrativas dramáticas, os significados da repressão religiosa, como se pode perceber no início desta reportagem de setembro de 1965: “el papa permaneció hoy unos minutos en una catacumba romana y expresó su pesar por el hecho de que modernos cristianos que habitan tierras comunistas ‘vevan en catacumbas’” (LN, 13 set. 65, p. 1). Se, por um lado o editor da reportagem bem frisou sobre as várias condenações do Vaticano aos países comunistas e os seus relacionamentos com os católicos, citando, inclusive uma “categórica condenación [...] cuando calificó de outra crucifixión al tratamiento que los comunistas dan a los católicos”, por outro, não deixou de estabelecer a Igreja enquanto promotora de “continuos esfuerzos por mejora las relaciones con los regimenes comunistas” (LN, 13 set. 65, p. 3), aspecto este bastante utilizado nas notícias sobre problemas de ordem religiosa nos países comunistas.

É preciso advertir que as reportagens acerca do problema dos católicos em países comunistas não foram aqui consideradas apenas pela mensagem de seus conteúdos, mas buscou-se levar em conta a forma como foram construídas as argumentações para colocar os fatos em evidência. Em uma palavra, deve-se prestar atenção na estratégia de construção desses discursos. Considerando este aspecto, pode ser importante destacar que quando o assunto era, por exemplo, a “Polônia” e os conflitos entre religião e Estado, priorizava-se estabelecer algumas associações como a que se pode visualizar na passagem a seguir: “este país católico, governado por comunistas, celebró esta noche mil años de cristianismo con grandes expresiones [...]” (LN, 13 set. 65, p. 3). O que se quer chamar atenção, neste sentido, é exatamente o motivo da inflexão operacionalizada, perpassando uma ideia de que a Polônia fosse um país católico “essencialmente”.

O cardeal polonês e as suas declarações acabaram tendo algum tipo de prioridade nas notícias divulgadas nos jornais. Interessante notar, e este parece ser um aspecto recorrente das “notícias católicas”, que, quando se tratou de mencionar algum aspecto sobre os países comunistas, foi preciso sempre deixar claro alguma caracterização ou alguma forma de representação que vinculasse ou que classificasse o país com o sistema político nele estabelecido, obviamente que, com propósitos sempre negativos, conforme pode-se observar o exemplo no jornal LR: “El cardenal Stefan Wiszynski, primado de la polônia roja...” (LR, 6 out. 63, p. 6). Não bastaria ter apenas colocado “primado de la Polônia”? Por que a caracterização “roja” foi utilizada, quando se o que queria informar era o país de atuação do Cardeal? Caso não existisse uma intencionalidade em difundir essas ligações – cardeal polonês, Igreja Católica, perseguição comunista – não teriam motivos, os editores e os sujeitos responsáveis pela difusão das notícias, trazerem as mesmas à tona. Mas o próprio “trazer à tona” pode ser esclarecedor do quanto essas questões faziam parte de debates entre grupos, justamente para demarcar, fazer prevalecer as suas visões de mundo perante outros grupos ou grupos rivais.

O que se quer, trazendo estas passagens que enfatizam a estratégia da construção desses discursos, não é fazer com que sejam entendidos como se fossem notícias inventadas, ou como se aquilo que estava sendo noticiado realmente não aconteceu. Independente da veracidade ou não das informações, o que se está sendo considerado, também, são as escolhas, especialmente por parte das editorias jornalísticas, dos fatos selecionados para serem publicados, que de algum modo, podem expressar as angústias, os sentimentos, as preocupações, também da realidade, talvez nem tanto em relação aos problemas da Polônia, mas as associações que estes poderiam trazer nos contextos locais, tanto em Porto Alegre quanto em Buenos Aires.

Os próximos exemplos separados para destacar a atuação dos editoriais se configuram, de certa forma, numa maneira diferenciada dos exemplos já analisados, uma vez que, nos exemplos a seguir, a “voz” do editor se fez presente diretamente. No dia 17 de setembro de 1963, o CP recuperou o debate acerca da relação entre comunismo e marxismo trazendo “na íntegra” um pronunciamento da Rádio do Vaticano, tema que já havia sido motivo de publicação no mesmo CP ainda no início do mês de agosto daquele ano. Além de ter considerado um “problema” bastante debatido, mas “com graves desvios de verdade”, o editor do texto da reportagem admitiu os motivos e as intenções da publicação do referido pronunciamento: “estamos certos de prestar um serviço ao povo brasileiro, nesta hora de confusão dirigida, e por isso mesmo de definições claras e inadiáveis” (CP, 17 set. 63, p. 13).

A divulgação de uma homenagem póstuma ao monsenhor De Andrea, pela UNITAS Argentina⁸, também pode ser considerada como um exemplo em que o editor interferiu diretamente nas informações transmitidas. Depois de narrar algumas partes da referida cerimônia, destacando participantes e grupos

8 Trata-se de um grupo anticomunista católico da Argentina denominado “UNITAS- Unidos en Cristo Frente al Comunismo” com ampla atuação na década de 1960.

anticomunistas presentes, bem como aqueles sujeitos que teriam proclamado discursos, o texto da reportagem abruptamente mudou o seu foco, passando a narrar um “acontecimento” bastante curioso: “cuando se disponía a hablar el siguiente orador [...] sobrevino en la sala un apagón, ocasionado al parecer por manos anónimas, pues nadie comprobó desperfecto alguno en la instalación eléctrica”. Na sequência, foi narrado sobre uma “explosão”: “a ello se agregó pocos segundos después la explosión de un petardo en el escenario donde estaba el nombrado junto al dirigente democristiano” (LN, 15 set. 65, p. 10). Claramente, é possível perceber que a notícia vende a imagem de uma sabotagem ou de um atentado. Contudo, observando o desfecho do texto, percebe-se que, talvez, tal ocorrência foi, de fato, mal contada. Por dois motivos principais: primeiro, a forma como se deu o desfecho, segundo o texto da reportagem:

[...] fue un momento de confusión, pero los reiterados pedidos de calma, los viva a libertad, a la Revolución libertadora e a monseñor de Andrea y el canto de la Marcha de la libertad, llevaron tranquilidad a la concurrencia, que, ya nuevamente con las luces, se dispuso a escuchar al orador interrumpido. (LN, 15 set. 65, p. 10).

Questiona-se, então, se a caracterização de um atentado, como demonstra a narrativa, não seria motivo para um alarde muito maior do que apenas “entoar vivas e cantos de liberdade”? O outro motivo para a dúvida levantada se estabelece quando se observa a forma como o “atentado” foi explorado pelo orador, segundo a publicação: “dijo el Sr. Blanco Correa que quiso silenciarse la voz de la libertad en medio del homenaje al más grande de los sacerdotes argentinos y que lo ocurrido demostraba que la lucha no ha terminado [...]” (LN, 15 set. 65, p. 10). Em resumo, trata-se da realização de um ato anticomunista, em homenagem a um sacerdote que “siempre dispuesto a interpretar la realidad a la luz del evangelio [...] en tiempos de crisis ideológicas”, portanto, possivelmente também anticomunista. Ato este que sofreu um atentado, que é intencionalmente flexionado a ser entendido como de origem ideológica contrária ao que se estava realizando, portanto, em última análise, uma sabotagem comunista. Daí, mais que ter razão, o presidente da UNITAS Argentina teve motivos para afirmar que “la lucha no ha terminado”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do anticomunismo católico nas imprensas de Porto Alegre e Buenos Aires no contexto do que antecedeu os respectivos golpes militares da década de 1960 permitiu explorar algumas das facetas que compuseram o poderoso leque do pensamento conservador daqueles anos marcados por profundas agitações políticas e sociais. Nesse sentido, é preciso considerar que as duas instituições-foco dessa investigação (Igreja e Imprensa) foram fundamentais na construção de uma realidade na qual o “perigo comunista” fosse percebido como cada vez mais presente e atuante na ordem do dia do cenário político e social dos dois países.

O artigo pretendeu chamar atenção para o destaque que foi dado, pelas grandes imprensas, para os discursos anticomunistas dos católicos e, conseqüentemente, o quanto era bem-vinda a presença desses textos nas páginas jornalísticas. Ao que

tudo indica, um posicionamento anticomunista de um católico acabava tendo plena aceitação por ambas as imprensas, justamente pelo efeito de representatividade que poderia causar no público leitor.

Por outro lado, foi possível verificar que os jornais tiveram atuações diretas na difusão do anticomunismo católico para a sociedade em geral, quer seja escolhendo estes como matérias de capas, utilizando imagens para conferir legitimidade e veracidade ao que estava sendo dito, escolhendo os locais de publicação, muitas vezes lado a lado com outras reportagens com a temática anticomunista, e, talvez, a mais direta das contribuições que se configurou em interferências nos textos das reportagens que davam a externar o anticomunismo católico, contribuindo na imposição de sentido proposta, indicando que, também a imprensa se apropriava dos discursos dos católicos para manifestar e expor seu posicionamento anticomunista.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, Bronislaw. **Imaginação Social**. In: Enciclopédia Einaudi. v. 5. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985.
- BETT, Ianko. **A (re)invenção do comunismo: discurso anticomunista católico nas grandes imprensas brasileira e argentina no contexto dos golpes militares de 1964 e 1966**. Dissertação (Mestrado em História), Unisinos. 2010.
- _____. Facetas do anticomunismo católico na grande imprensa de porto alegre: D. Vicente Scherer e a infiltração comunista no governo do RS (1961). In: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História. São Paulo. 2011.
- BONET, Luciano. Anticomunismo. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 5. ed. v. I. Brasília: UnB, 2000.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- _____. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1998.
- DOCKHORN, Gilvan Veiga. **Quando a ordem é segurança e o progresso é desenvolvimento (1964-1974)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Éditions Gallimard, Paris, 1971.
- _____. A Arqueologia do Saber. Petrópolis: Vozes, Lisboa. 1972.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em guarda contra o “perigo vermelho”**: O anticomunismo no Brasil (1917-1964). São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2002.
- RODEGHERO, Carla Simone. **O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul 1945-1964**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2003.
- _____. Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos estados Unidos e no Brasil nos anos da guerra fria. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 463-488, 2002.
- VERBITSKY, Horacio. **La violencia evangelica**. Historia política da la Iglesia Católica. Tomo II. De Lonardi al Cordobazo (1955-1969). Buenos Aires: Sudamericana, 2008.

FONTES DE PESQUISAS

Jornais de Porto Alegre: Diário de Notícia e Correio do Povo (1961 a 1964).

Jornais de Buenos Aires: La Nación, Clarín e La Razón (1963 a 1966).